

Estado atual do ensino da Biblioteconomia no Brasil e a questão da Ciência da Informação

Antonio Agenor Briquet de Lemos

Departamento de Biblioteconomia
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Universidade de Brasília

Resumo — A partir de 1915, data em que começou a funcionar o primeiro curso, o ensino da Biblioteconomia evoluiu bastante, existindo atualmente 19 cursos de graduação, 1 de pós-graduação em nível de mestrado e 1 de especialização, em 14 unidades da Federação. Os cursos de graduação apresentam conteúdo relativamente homogêneo, havendo diferenças quanto à duração das disciplinas que os compõem e, mais recentemente, na abordagem dos tópicos relativos à Mecanização e Automação. A causa principal dessa homogeneidade é o currículo mínimo que todos os cursos são obrigados a seguir. A evolução dos estudos teóricos no campo da organização de sistemas de recuperação de informações tem apresentado resultados importantes e revelado princípios fundamentais que deveriam ser incorporados organicamente ao ensino da Biblioteconomia.

O ensino da Biblioteconomia, no Brasil, data de 1915, quando a Biblioteca Nacional deu início ao primeiro curso destinado à formação de bibliotecários. Sobre esta fase inicial e o desenvolvimento posterior do ensino da Biblioteconomia até a última década recomendamos a consulta a outros trabalhos publicados sobre o tema (5, 6, 9, 14). Procuraremos, portanto, tecer considerações sobre a situação atual, principalmente após a vigência do currículo mínimo fixado em 1962, ressaltando os aspectos relativos ao ensino das técnicas de Documentação e a questão da formação de cientistas da informação.

As informações e opiniões aqui expressas baseiam-se nos dados constantes dos programas das disciplinas que compõem os currículos de 15 cursos

Trabalho apresentado ao Seminário Latino-Americano sobre Formação de Cientistas da Informação, realizado na Cidade do México, de 23 a 25 de agosto de 1972.

de graduação, do total de 19 atualmente existentes, e o Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

Evolução dos currículos

À orientação francesa da École des Chartes seguida pelo curso da Biblioteca Nacional, de 1915, constituído pelas disciplinas Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática, veio contrapor-se, a partir de 1929, a orientação norte-americana, com o curso então iniciado em São Paulo pelo Instituto (atual Universidade) Mackenzie. Este curso, de vida efêmera, compunha-se de Catalogação, Classificação, Referência e Organização, disciplinas que acabaram por ser adotadas por todos os cursos criados posteriormente.

Currículo mínimo

Em 1962, quando já funcionavam 11 cursos, o Conselho Federal de Educação aprovou o currículo mínimo dos cursos de Biblioteconomia, que deveria ser seguido obrigatoriamente a partir de 1963. Essa medida, de cunho normativo e exigida para todos os cursos superiores que formem profissionais para o exercício de profissões reguladas em lei, como é o caso do bibliotecário, refletia uma tendência conciliadora, pois procurava generalizar uma experiência de ensino que datava do período 1929/1944, admitir no âmbito da Biblioteconomia a 'nova' disciplina que era a Documentação e, ao mesmo tempo, tornar obrigatório o ensino de Paleografia.

Além destas duas disciplinas, o currículo mínimo incluía: História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, e Bibliografia e Referência.

Com esse currículo mínimo dava-se um passo à frente no sentido de uma maior uniformidade no ensino da Biblioteconomia e também no sentido de uma formação cultural mais diversificada do bibliotecário. No entanto, como a experiência veio a demonstrar, esse currículo mínimo, ao qual, a critério das escolas, poderiam ser acrescentadas outras disciplinas, de modo a formar o chamado currículo pleno, em algumas situações passou a ser o máximo que era oferecido. Isto se devia, provavelmente, à carência de pessoal docente e a uma percepção deficiente de todo o espectro de conhecimentos específicos que a Biblioteconomia envolve. Por outro lado, e tendo em vista a necessidade de atender a outro dispositivo legal que fixou a duração mínima do curso de Biblioteconomia em 2 025 horas de atividades didáticas, assistiu-se a um superdimensionamento do conteúdo

das disciplinas técnicas, principalmente Catalogação e Classificação, a fim de preencher o tempo disponível.

Devido à vagueza das denominações das disciplinas chamadas culturais e também por deficiências da metodologia do ensino, tais disciplinas, em muitos casos, eram apresentadas como apanhados pretensamente enciclopédicos de temas que certamente poderiam ser abordados em função das atividades profissionais do bibliotecário. Parecia que se tentava a valorização profissional do bibliotecário mais por meio da exibição de uma cultura meramente superficial do que pela sua capacidade em reconhecer, avaliar e bem cumprir com os seus objetivos profissionais para com a sociedade.

Atualmente, uma comissão designada pelo Conselho Federal de Educação está reexaminando o currículo mínimo de Biblioteconomia, visando à sua adequação à Reforma Universitária e, supõe-se, à atualização de seu conteúdo.

Características dos programas de Documentação

Embora o interesse com a Documentação, do ponto de vista institucional, no Brasil, remonte ao ano de 1911, quando a Biblioteca Nacional se filiou ao Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas e estabeleceu o seu Serviço de Bibliografia e Documentação (17), o primeiro curso de Documentação só veio a ser realizado em 1953. Neste ano, o Dr. Herbert Coblans, que se encontrava no Rio de Janeiro, como consultor da UNESCO, para colaborar na organização do IBBB, realizou uma série de conferências sobre Documentação, na Biblioteca Nacional, que foram posteriormente reunidas em livro (3, 6).

Não se tendo verificado, no Brasil, a cisão entre bibliotecários e documentalistas, que se observou em outros países, menos por espírito de conciliação do que por deficiência da estrutura sócio-econômica de país subdesenvolvido, onde a demanda de informações técnico-científicas se dava em nível compatível com a formação dada aos bibliotecários, as escolas de Biblioteconomia incorporaram aos seus currículos o ensino de Documentação, sem que houvesse protestos relevantes.

Em 1955, o IBBB iniciou, em nível de especialização, o seu Curso de Documentação Científica, aberto a bibliotecários e outros graduados de cursos superiores. Embora voltado mais para a bibliografia especializada, esse curso adotou uma abordagem mais moderna em relação aos cursos de graduação então existentes, propiciando um verdadeiro programa de reciclagem e aprofundamento de estudos. Aliás, como salientou Hagar Espanha Gomes (12) 'a área que mais se beneficiou [com esse curso do IBBB] foi a Biblioteconomia'. Muitos dos que por ali passaram foram

exercer o magistério nas escolas de Biblioteconomia ou dirigir centros de Documentação (4).

É provável que as similaridades que hoje encontramos nos programas dos cursos de Documentação se devam em grande parte à influência recebida no IBBD pelos atuais professores que, em diferentes anos, frequentaram o seu curso de especialização.

Os cursos de Documentação que são ministrados no curso de graduação em Biblioteconomia são geralmente, divididos em duas partes, num total de 120 horas de aulas, em média.

Todos os programas que examinamos apresentam uma parte introdutória em que tratam do conceito, histórico, terminologia, problemas, tendências e outros aspectos genéricos da Documentação, mencionando, inclusive, os conceitos de Informática e Ciência da Informação. Os outros tópicos que ocorrem com mais frequência são: organizações nacionais e internacionais no campo da Documentação, armazenagem e recuperação da informação, normalização da Documentação, barreiras lingüísticas ao intercâmbio de informações, indexação de livros e periódicos, indexação coordenada, co-operação entre centros de Documentação, elaboração de trabalhos científicos, organização e administração de centros de Documentação, disseminação seletiva de informações, sistemas manuais e semimecânicos de seleção documentária, técnicas reprográficas, patentes, codificação, tipos de documentos, e classificações especializadas.

As escolas que não oferecem cursos com a denominação específica de Mecanização e Automação, Introdução ao Processamento de Dados, ou Informática incluem no conteúdo dos cursos de Documentação os estudos sobre a aplicação de equipamento convencional e computadores na mecanização de serviços de bibliotecas e na recuperação de informações.

O tipo de informação fornecida aos alunos varia, de uma escola para outra, desde uma visão panorâmica da mecanização até instruções mais detalhadas sobre operação de máquinas, elaboração de fluxogramas, linguagens de computação, teoria da informação, etc. Anna da Soledade Vieira, em trabalho recente (21), analisa os currículos de automação em quatro escolas brasileiras de Biblioteconomia.

O Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBBD

Em 1970, o IBBD deu início a este curso, em nível de mestrado, visando à criação da classe de cientistas da informação, à formação de técnicos de alto nível para direção de centros de informação das instituições científicas e industriais e ao aprimoramento de professores das Escolas de

Graduação em Biblioteconomia e Documentação do Brasil (13). É interessante verificar que não conseguimos encontrar qualquer preocupação do IBBD em definir o que entende por Ciência da Informação, considerando-se as diferenças de pontos de vista acerca dessa disciplina.

Este curso compõe-se das seguintes disciplinas obrigatórias: Organização de Serviços de Informação, Catalogação Avançada, Sistemas de Classificação, Técnica de Indexação e Resumos, Processamento de Dados na Documentação, e três disciplinas optativas entre as seguintes: Programação, Epistemologia, Didática, Teoria dos Conjuntos, Metodologia da Pesquisa, Linguística, Teoria da Comunicação. Como pré-requisitos para ser aceito no curso, o candidato deverá ter cursado, no mínimo, quatro dentre as disciplinas Catalogação, Classificação, Bibliografia, Organização e Administração de Bibliotecas, Matemática Superior, Estatística, Economia, Lógica, Sociologia e História da Filosofia.

Discussão

Como disse Lancour, 'um dos esportes favoritos dos bibliotecários especializados é colecionar os catálogos das trinta e cinco escolas [norte-americanas] de Biblioteconomia e tabular os cursos ministrados sobre Biblioteconomia especializada. Os resultados desse tipo de pesquisa são, para os bibliotecários especializados, uma fonte inesgotável de irritação' (19). Convém, portanto, que façamos aqui a ressalva de que nossas considerações, baseadas no teor dos programas, têm valor relativo, sendo um elemento indicativo que precisaria ser associado a outros fatores, a fim de se obter uma imagem mais fidedigna. Valem, no entanto, em nosso entender, para identificar, pelo menos, a orientação dos respectivos cursos.

De um modo geral, o ensino da Biblioteconomia, no Brasil, ao lado das características de conteúdo de cursos que examinamos, revela as seguintes tendências:

a) predominância do ensino prático (e, muitas vezes, exageradamente tecnicista) em detrimento do estudo dos aspectos teóricos e fundamentais dos problemas biblioteconômicos. Dá-se pouca importância àquela 'sound theoretical approach to the analysis of problems' e em vez se procurar inculcar no aluno uma atitude mental há mais uma preocupação em produzir uma enciclopédia ambulante de informações fatuais, de que fala Foskett (22);

b) ausência de uma abordagem integrada das atividades e serviços da Biblioteconomia/Documentação que faça uso das técnicas de análise de sistemas e encare as diversas disciplinas como um todo orgânico e não como partes isoladas e estanques. Continuam as escolas, em geral, a in-

sistir em 'suposições e métodos empíricos da antiga Biblioteconomia e que não mais correspondem à complexidade atual do mundo dos conhecimentos registrados', conforme salienta Shera (19);

c) fidelidade dogmática a códigos de catalogação, normas de documentação e sistemas de classificação, muitas vezes idolatrados com cegueira que não vislumbra os fins a que devem servir e ignorância do processo de entropia a que estão sujeitos em face da dinâmica da informação documental, do avanço da tecnologia da informação e da psicologia dos usuários;

d) esforço no sentido de incorporar informações sobre a tecnologia mais recente, mas sem que isso altere a estrutura global dos cursos.

Isso com relação à Biblioteconomia e Documentação, em geral. E que dizer acerca da formação de cientistas da informação? Antes de tudo, o que é Ciência da Informação? Será o que dizem Artandi (1), Borko (2), Farradane (7, 8), Foskett (10), Goffman (11), Klempner (15) e tantos outros, ou será apenas um castelo de areia como pretende Vagianos (20)? Poderemos, portanto, nas condições atuais, tentar formular um currículo e ensinar Ciência da Informação?

No caso da América Latina, ao falarmos em Ciência da Informação talvez estejamos pensando em outra coisa. Pelo menos a isso somos levados ao compararmos o currículo do Curso de Ciência da Informação do IBBD com aquilo que a maioria dos autores citados considera como sendo essa ciência. Há uma espécie de defasagem entre o título do curso e os títulos e conteúdos (segundo os programas) das disciplinas que o compõem.

Farradane (7) assinalou que a busca desse *continuum* teórico, seja ele a ciência da informação norte-americana ou a informática soviética, continua sendo uma mescla de diferentes disciplinas e não uma disciplina científica unificada, tendo se tornado tão teórica que suas bases se distanciam cada vez mais das atividades práticas. Afirmamos que o extremo pragmatismo do ensino da Biblioteconomia precisa ser superado, mas não será admissível que ao superá-lo venhamos a incorrer no extremo oposto de uma abstração alienada do processo social.

Conclusões

Procuramos indicar a necessidade de uma profunda reformulação do ensino da Biblioteconomia no Brasil. Este processo de revisão não poderá ser empírico e deverá basear-se, conforme o demonstrou Schur (18), na fixação dos objetivos educacionais e profissionais, tendo em vista que qualquer programa de ensino é um subsistema de um sistema maior que é o ensino do país, o qual, por sua vez, é um subsistema da política nacional, e assim sucessivamente.

Antes de se cogitar da formação de profissionais de uma ciência ainda difusa e indefinida, deveremos revigorar, atualizar e enriquecer a Biblioteconomia, incorporando-lhe os descobrimentos que lhe forem pertinentes realizados sob o rótulo de Ciência da Informação, em função precípua dos interesses nacionais e de uma visão coerente, sistemática e integrada de todas as técnicas que, em qualquer nível ou sob qualquer nome, têm o mesmo objetivo universal: recolher, organizar, recuperar e difundir os registros do conhecimento, em seu sentido mais amplo.

Abstract

Library education in Brazil and the problem of Information Science

Since 1915, when the first library science course was initiated in Brazil, library education has had a great development in this country and now there are 19 graduate courses, one post-graduate course leading to the Master's degree in Information Science, and one course of specialization in scientific documentation, in 14 different states. The graduate courses have fairly homogeneous curricula, differences being found in the duration of the course units and, more recently, in the approach to topics regarding library mechanization and automation. The main reason of such homogeneity is the core curriculum which every library school is enforced to adopt by legal prescription. The development of theoretical studies in the field of the organization of information retrieval systems has provided important findings and revealed basic principles which should be organically incorporated in library education.

REFERÊNCIAS

1. ARTANDI, Susan. *An introduction to computers in information science*. Metuchen, N.J., Scarecrow Press, 1968, p. 8-9.
2. BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation* 19 (1) :3-5, Jan. 1968.
3. COBLANS, Herbert. *Introdução ao estudo de documentação*. Trad. de Maria Antonieta Requião Piedade. Rio de Janeiro, DASP, 1957. 149 p. (Ensaio de administração, n. 8).
4. CURSO de documentação científica. *IBBD Notícias Diversas* 2 (2) :25-33, fev. 1964.
5. DIAS Antonio Caetano. *O ensino da Biblioteconomia no Brasil*. Rio de Janeiro, IPASE, 1955. 32 p. (Coleção Ipase, 2).
6. ————. *Tendências modernas do currículo no ensino da Biblioteconomia*. Rio de Janeiro, Cursos de Biblioteconomia, 1964. 28 p. (Coleção Biblioteconomia e Documentação, 1).
7. FARRADANE, J. Professional aspects of information science and technology. *Annual Review of Information Science and Technology* 6 :398-410, 1971.
8. ————. Training for information science. *Journal of Documentation* 26 (3) :261-265, Sept. 1970.
9. FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. *Revista do Livro* 2 (5) : 95-124, mar. 1957.

10. FOSKETT, D.J. 'Informatics'. *Journal of Documentation* 26 (4) :340-369, Dec. 1970.
11. GOFFMAN, William. Information science: discipline or disappearance. *Aslib Proceedings* 22 (12) :589-596, Dec. 1970.
12. GOMES, Hagar Espanha. *Formação profissional no campo dos conhecimentos especializados*. Trabalho apresentado ao Seminário sobre Informação Científica, Técnica e em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, IBBD, 1967. 4 p.
13. INSTITUTO BRASILEIRO DE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO. *Cursos especializados e de pós-graduação — IBBD/UFRJ*. Rio de Janeiro, IBBD, 1970. 12 p.
14. JACKSON, William Vernon. Library education in Brazil. In KENT, Allen & LANCOUR, Harold, ed. *Encyclopedia of library and information science*. New York, Marcel Dekker, 1970, v. 3, p. 237-259.
15. KLEMPNER, Irving M. A unified curriculum for information science. *College and Research Libraries* 30 (4) :335-341, July 1969.
16. LANCOUR, Harold. The training of special librarians in the United States. *Aslib Proceedings* 5 :275, 1953.
17. PEREGRINO DA SILVA, Manuel Cícero. A Bibliotheca Nacional em 1911. *Anais da Biblioteca Nacional* 34 :647-684, 1912.
18. SCHUR, Herbert. A systems approach to education and training in information science and technology. In ISLIC International Conference on Information Science, Tel Aviv, 29 August-3 September, 1971. *Proceedings*. Tel Aviv, Israel Society of Special Libraries and Information Centres, 1972, v. 2, p. 517-528.
19. SHERA, Jesse H. Sobre bibliotecología, documentación y ciencia de la información. *Boletín de la Unesco para las Bibliotecas* 22 (2) :62-70, mar./abr. 1968.
20. VAGIANOS, Louis. Information science: a house built on sand. *Library Journal* 97 (2) :153-157, Jan. 15, 1972.
21. VIEIRA, Anna da Soledade. A automação no currículo de Biblioteconomia. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG* 1 (1) :12-31, mar./set. 1972.
22. WILSON, J. J., FOSKETT, D. J. & SAUNDERS, W. L. Library theory and practical training: a forum. *Aslib Proceedings* 23 (5) :225-236, May 1971.